



**RUFINO, Luiz. *Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas*. Rio de Janeiro, Mórula, 2023. ISBN 978-6581315696.**

Antonio Pedro Lima Junior<sup>1</sup>

Luiz Rufino é educador, pesquisador e escritor brasileiro com contribuições significativas no campo da educação descolonizadora, das epistemologias afro-brasileiras e dos saberes tradicionais. Professor do Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Sua trajetória acadêmica reflete o compromisso com a crítica às estruturas coloniais e a valorização das culturas populares e quilombolas no contexto educacional.

Rufino é autor de diversos livros que dialogam com a descolonização do saber e das práticas pedagógicas. Dentre suas obras mais importantes estão: *Pedagogia das Encruzilhadas* (Rufino, 2019). Neste livro, Rufino apresenta reflexões sobre a educação a partir das encruzilhadas, símbolo das múltiplas possibilidades de conhecimento e resistência. Ele propõe uma pedagogia que valoriza os saberes das comunidades afro-diaspóricas e indígenas e *Vence-Demanda: Educação e Descolonização* (Rufino, 2021). A obra destaca a necessidade de superar as práticas educativas colonizadoras, convocando educadores a repensarem suas práticas em diálogo com as epistemologias e com a resistência dos povos oprimidos.

Além desses livros, Rufino também publicou artigos relevantes em periódicos acadêmicos. Em *Reflexões Afro-pindorâmicas como perspectiva para a descolonização da Educação Ambiental* (Martins et al, 2023), ele propõe a incorporação de saberes afro-brasileiros na educação ambiental como uma forma de resistência à colonialidade. Outro destaque é *'O fundamento é a roça': Antônio Bispo dos Santos (1959-2023)* (Nascimento e Rufino, 2023), em que reflete sobre os saberes quilombolas e sua importância para práticas educativas descolonizadoras. Com uma produção acadêmica que articula educação, cultura e espiritualidade, Rufino se posiciona como uma

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciência da Religião pela PUC-SP. Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Professor de ensino fundamental e médio contratado pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (SEDUC-SP). E-mail: limajunior.ap@gmail.com

referência central no debate sobre descolonização do saber e construção de práticas pedagógicas emancipatórias no Brasil.

O livro *Ponta-cabeça: Educação, Jogo de Corpo e Outras Mandingas* de Luiz Rufino (2023) propõe uma radical reconfiguração do pensamento educacional a partir de uma perspectiva decolonial, entrelaçando saberes indígenas, afro-brasileiros e a crítica ao modelo eurocêntrico de educação. Rufino evoca reflexões filosóficas e práticas pedagógicas que questionam as dicotomias ocidentais entre ser humano e natureza, corpo e mente, conhecimento científico e saber tradicional. Ao colocar esses conceitos de "ponta-cabeça", o autor desafia a hegemonia epistêmica ocidental, convidando-nos a pensar a educação como um processo de *biointeração* e de pluralidade de saberes.

A obra é profundamente influenciada pela noção de *biointeração*, um conceito elaborado por Antônio Bispo dos Santos (mais conhecido como Nêgo Bispo), que compreende a interação profunda e ética entre os seres, humanos ou não, no contexto de uma comunidade ecológica. Tal conceito é amplamente abordado no livro *Colonização, Quilombos: modos e significados* (Bispo, 2015) ele explora como os povos quilombolas e outras comunidades tradicionais constroem conhecimentos e modos de vida em harmonia com o ambiente natural, fundamentados na noção de *biointegração*.

Nêgo Bispo articula a *biointegração* como uma alternativa à colonialidade do saber, propondo uma convivência integral e respeitosa entre os seres humanos e o ecossistema, de modo a romper com a visão exploratória imposta pela lógica colonial e capitalista. Ele enraíza suas reflexões nas práticas e saberes dos quilombolas, oferecendo uma crítica profunda ao modelo de desenvolvimento hegemônico e ao sistema educacional. Sendo este livro uma referência importante para quem deseja entender mais sobre a *biointegração* e sua relação com a descolonização dos saberes.

Rufino destaca a importância de uma educação que transcenda a lógica antropocêntrica e adote uma visão holística, onde a natureza é parceira de aprendizado. Ele contrapõe as práticas educacionais dominantes, enraizadas na colonialidade, ao conceito de uma educação mais que humana, que acolhe ensinamentos de plantas, florestas, rios e outras formas de vida.

O autor critica o *racismo epistêmico* e a *colonialidade cosmogônica*, denunciando a marginalização histórica dos saberes indígenas e afrodescendentes,

rotulados como “fetichistas” ou “animistas” pela ciência racista do Brasil no final do século XIX e início do XX. Essa injustiça cognitiva, que perdura até hoje, impõe um único padrão de conhecimento, oprimindo e empobrecendo a pluralidade e o potencial transformador da educação.

Rufino aborda dois conceitos essenciais em sua obra. O primeiro é o *racismo epistêmico*, que se refere à desvalorização dos saberes de povos não brancos e não ocidentais. Historicamente, conhecimentos de africanos, indígenas e outros grupos colonizados foram considerados inferiores pelo pensamento eurocêntrico. Essa desqualificação, ao classificar saberes tradicionais como “animistas” ou “fetichistas”, reforça a injustiça cognitiva, validando apenas o conhecimento ocidental. Assim, o racismo epistêmico exclui e silencia epistemologias que poderiam enriquecer nossa compreensão do mundo.

Em segundo, a *colonialidade cosmogônica* refere-se à imposição de uma visão ocidental que divide humano e natureza, hierarquizando formas de vida e privilegiando o cosmos ocidental. Mesmo após o fim das colônias, esse pensamento persiste, silenciando cosmogonias de povos originários e comunidades tradicionais, que veem a interdependência entre todas as formas de vida. No livro, Rufino denuncia como essa visão molda negativamente relações humanas e ecológicas, desconsiderando saberes que valorizam a interação com a natureza.

Esses conceitos são fundamentais para a crítica de Rufino à educação hegemônica. Ao ressaltar o *racismo epistêmico* e a *colonialidade cosmogônica*, o autor desafia a visão eurocêntrica e antropocêntrica de mundo, propondo uma educação mais que humana, que não só reconheça, mas valorize e integre saberes ancestrais e não ocidentais, estabelecendo novas formas de diálogo e interação com todas as formas de vida.

Inspirado pelas ideias de Paulo Freire, Rufino defende que a educação deve ser um espaço de busca constante pela vocação de ser mais. Freire enfatiza que “*a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo*” (Freire, 2014, p. 47). Nesse sentido, Rufino propõe a “mandinga” como uma prática educativa que incorpora a ginga, a esquivada e o jogo corporal, elementos que desafiam a fixidez do conhecimento tradicional e abrem espaço para o improvisado, a criatividade e o diálogo. O termo “mandinga”, no contexto da capoeira, associado à

habilidade de lidar com o inesperado e ao movimento estratégico, é empregado na obra como uma metáfora para práticas pedagógicas que fomentam a liberdade e a resistência.

Um dos momentos mais marcantes do livro é o encontro do autor com uma senhora em um quintal, onde ele observa as propriedades curativas das plantas e reflete sobre como os saberes tradicionais poderiam ser incorporados no cotidiano educativo. Rufino tece paralelos entre as folhas de boldo, usadas pela senhora, e as críticas contemporâneas de Byung-Chul Han à sociedade do cansaço. Han observa que “a sociedade do desempenho se revela, em última análise, uma sociedade de cansaço. O excesso de trabalho e desempenho se transforma em autoexploração” (Han, 2017, p. 25). Inspirado por essa crítica, Rufino faz um chamado para que a educação contemporânea olhe para o cuidado, a natureza e as práticas tradicionais como formas de cura e resistência ao modelo hegemônico que exaure os corpos e as mentes.

Ao longo do livro, Rufino nos convida a refletir sobre uma educação descolonizada, onde se aprende não apenas com os livros e professores, mas também com os quintais, florestas, rios, e outros seres. Para ele, a educação decolonial é necessariamente comunitária e plural, estabelecendo confluências entre diferentes modos de saber e existir no mundo. Rufino reforça a ideia de que o conhecimento está distribuído por todas as formas de vida, e o aprendizado acontece nas relações entre os diversos seres que compõem o ecossistema planetário. Nessa proposta, ele se alinha à defesa de um "pluriverso", ou seja, a coexistência de múltiplos mundos e formas de saberes.

A crítica de Rufino à educação dominante é poderosa e pertinente. No entanto, a obra poderia se beneficiar de uma análise mais detalhada sobre como essas propostas poderiam ser institucionalizadas ou implementadas em larga escala, especialmente em um sistema educacional formal que muitas vezes está arraigado em práticas burocráticas e curriculares rígidas. Embora a prática de uma educação "mandingueira" seja fascinante e instigante, sua viabilidade no contexto atual ainda precisa de uma discussão mais aprofundada.

Outro ponto que merece ser ressaltado é a escrita poética e quase literária de Rufino, que alterna entre o ensaio teórico e a narrativa pessoal, entre a análise filosófica e a memória afetiva. Embora isso torne a leitura uma experiência rica e envolvente, pode também apresentar desafios para leitores que buscam uma abordagem mais linear



e sistemática das ideias. A mistura de estilos reflete, contudo, a proposta do autor de romper com as estruturas rígidas do pensamento acadêmico tradicional e de valorizar formas de expressão mais orgânicas e sensíveis.

*Ponta-cabeça* desafia os limites da educação, propondo um repensar radical das práticas pedagógicas em diálogo com saberes ancestrais e uma ecologia dos saberes. Ao convocar educadores a aprender com florestas, quintais e múltiplas formas de vida, Luiz Rufino oferece uma visão transformadora sobre ensinar e aprender em um mundo em crise. Sua crítica ao racismo epistêmico e à colonialidade abre espaço para uma educação plural e conectada à vida. Embora não aprofunde os desafios práticos de implementação, a obra aponta caminhos para uma educação mais sensível, inclusiva e vital. Leitura essencial para quem busca resistir à hegemonia do conhecimento dominante e promover uma pedagogia enraizada na pluralidade e no mundo vivo.

### Referências Bibliográficas

BISPO, Antônio. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília/ DF: INCTI/UNB, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

NASCIMENTO, Wanderson Flor; RUFINO, Luiz. In memoriam: “*O fundamento é a roça*” Antônio Bispo dos Santos (1959-2023). Anãnsi: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 323–328, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/19430> . Acesso em: 13 dez. 2024.

MARTINS, Mariana Moraes de Miranda; ARANDA, Marcelo Storti; SANCHEZ, Celso; RUFINO, Luiz. *As Reflexões Afro-pindorâmicas como perspectiva para a descolonização da Educação Ambiental*. Revista Sergipana de Educação Ambiental, [S. l.], v. 10, p. 1–18, 2023. DOI: 10.47401/revisea.v10.19738. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revisea/article/view/19738>. Acesso em: 13 dez. 2024.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, Luiz. *Vence-Demanda: Educação e Descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.



RUFINO, Luiz. *Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2023.